

# O que passa na cabeça do universitário?

**Pesquisa do CIEE revela os medos e as expectativas do público estudantil em relação ao curso, à instituição de ensino e ao estágio**

Por Bruno Souza

Um dos primeiros passos para exercer uma profissão de destaque é fazer um curso de graduação numa universidade. Só que nessa época da vida surgem inúmeras questões que afligem os estudantes, que vão desde o ensino oferecido pela faculdade, até a identificação com o curso escolhido. A *Folha Universitária* teve acesso a uma pesquisa feita pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) e descobriu quais são os medos e as aspirações do público universitário. Realizado entre 04/12/07 e 14/01/08, o questionário está disponível no portal da entidade ([www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)) e é composto por perguntas que foram respondidas por mais de 11 mil pessoas, sendo que mais da metade são estudantes do ensino superior particular.

Quando perguntado o que os alunos esperam de uma universidade, em primeiro lugar se destaca o



questo "um bom nível de ensino". Em segundo, a necessidade de contar com "professores capacitados e comunicativos" e que também atuem no mercado de trabalho. "Muitas pessoas dizem que ouvem muita coisa em sala de aula, mas quando estão no mercado de trabalho é tudo diferente. Por isso, o professor tem de estar sempre atualizado em termos acadêmicos, e também ser uma pessoa aberta para as

coisas que estão acontecendo no mercado", diz a gerente técnica de estágio do CIEE, Sylvana Rocha.

Em terceiro lugar, se destaca a incessante procura por oportunidade de estágio na área de atuação, quando ocorre a aproximação entre teoria e prática. "Na minha época, a gente fazia a graduação, já tinha um estágio garantido e um emprego. Hoje está muito mais segmentado, além do que, as profissões estão multidisciplinares", afirma a gerente. Ela diz ainda que o jovem entra na faculdade com receio, e uma das oportunidades que ele tem de verificar se aquela escolha foi certa é sentir como é a profissão na prática.

Sobre os maiores medos dos jovens entrevistados ao entrar na universidade, em primeiro lugar se destaca a não identificação com o curso escolhido. Em muitos casos, alguns alunos só per-

cebem esta falta de afinidade perto do final da graduação. Em segundo está a preocupação em não conseguir pagar o curso, que se intensifica na dificuldade de conseguir um emprego ou mesmo um estágio remunerado que ajude no custeamento dos estudos. Em terceiro lugar, está a dificuldade de acompanhar o curso, seja por conta do ritmo do professor, do próprio conteúdo programático da instituição ou de conciliar estudo, trabalho e lazer.

"Hoje, o jovem faz uma universidade porque ele sabe que se não estiver nela fica difícil conseguir uma colocação no mercado de trabalho. Mas a gente sabe que o Brasil precisa de técnicos especializados. Muitas pessoas nos questionam quais são as áreas promissoras, e eu respondo assim: são diversas, escolha o que você gosta, procure profissionais da área que você tem interesse, pois quem faz a profissão é o aluno", finaliza Sylvana.



Da esq. para dir., o coord. técnico da Confederação Brasileira de Taekwondo, Mauro Hidek, a atleta Débora Nunes e o treinador Carlos Negrão

## Da defesa pessoal para as Olimpíadas

**A atleta Débora Nunes começou no Taekwondo para aprender auto defesa. Nos Jogos de Pequim, lutará por medalha na categoria até 57 quilos**

Por Karen Rodrigues

Originário da Coreia, o Taekwondo é uma arte marcial milenar que se tornou esporte olímpico em 2000, na Olimpíada de Sydney. Antes disso havia sido disputado nos Jogos de Seul (1988) e Barcelona (1992) apenas como modalidade de demonstração.

Entre esse período de reconhecimento do esporte, em 1983 nascia uma grande esperança desta modalidade no Brasil, a atleta Débora Nunes. Com total incentivo da mãe, ela começou a praticar lutas de defesa pessoal aos seis anos. "Eu brigava na escola (risos) e chegava em casa chorando, com o braço arranhado, e minha mãe me pôs na luta para eu aprender a me defender", lembra. Conheci o Taekwondo por intermédio



Fotos: Divulgação/CBTKD

**Debora Nunes, Natália Falavigna e Márcio Venceslau, da Seleção Brasileira de Taekwondo**

de um amigo que praticava. Comecei a fazer a luta e já pratico há 12 anos", conta a atleta.

Em 2004, Débora passou a integrar a Seleção Brasileira. Ela acredita que o esporte conquistou mais reconhecimento depois dos Jogos Pan-Americanos em 2007, porém ainda é precário de incentivo. "A falta de patrocínio torna tudo muito mais difícil. Contamos com o incentivo da Lei nº 10.264, conhecida como Lei Agnelo/Piva, no qual recebemos um salário, mas isso é só para a equipe olímpica. Eu e os outros atletas esperamos conquistar medalha olímpica e a partir daí torná-lo mais popular".

Além de representar o Brasil, a lutadora porto-alegrense recebeu uma proposta de um clube para mo-

rar em São Paulo e se dedicar aos treinos e estudar. "Tranquei a faculdade de Educação Física, abdiqueei de muita coisa, inclusive de morar com a minha família, mas valeu a pena. Treinar com o técnico da seleção me ajudou muito. Treino com outros atletas da seleção e este intercâmbio fez a diferença para eu conseguir a vaga", afirma.

O índice olímpico foi garantido com o título na categoria até 57 quilos da seletiva pan-americana olímpica, em Cali, na Colômbia, no mês de março. "Essa medalha de ouro na seletiva me fortaleceu. Hoje em dia vivo em função das Olimpíadas. Se não conseguir uma medalha, pelo menos vou ter a consciência limpa de que fiz tudo que podia para chegar lá", conclui.